



HOMENAGEM

GENERAL EDMUNDO DE MACEDO SOARES E SILVA

Virgílio da Veiga

O peso dos anos se fazia notar no caminhar já trôpego com que chegava para presidir as sessões do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Não por qualquer abalo na sua lucidez, no seu desejo de participação, no seu espírito curioso, na sua ânsia, ainda, de aprender.

Raras eram as palestras proferidas no Instituto que não lhe mereciam oportuna complementação. Não com ostentações de cultura, mas com o testemunho de muitas vivências acumuladas, no decurso de uma existência longa e exemplarmente produtiva. Ao mesmo tempo, diante de um assunto novo, desses que se criam a cada hora, no dinamismo científico e cultural do nosso tempo, mostrava-se interessado e atento, declaradamente disposto a dedicar-

lhe estudo aprofundado.

Quando se referia a si próprio, fazia-o desculposamente.

Com o fracasso da revolta de 1922 de que participara, após ter-se evadido do presídio da Ilha Grande, onde cumpria prisão, exilou-se em Portugal.

— “Em Lisboa nada tinha a aprender”, contava com sincera simplicidade. “Então fui para Paris, estudar Metalurgia...”

Faltava acrescentar: sem qualquer interesse imediatista, como tão comum nas novas gerações, mas na esperança de, algum dia, poder ser útil ao Brasil.

Edmundo de Macedo Soares e Silva nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 9 de junho de 1901. Era filho de médico, Dr. Sebastião Edmundo Mariano da Silva, e de sua mãe, D. Elisa Macedo Soares e Silva, herdou

o sobrenome de personagens ilustres na política, no jornalismo e na ciência do País.

Talvez por sua origem, ao decidir-se pela carreira das armas, após ter cursado o Colégio Militar, optou pelo Curso de Engenharia da Escola Militar do Realengo. Declarado Aspirante-Oficial com a turma de 1920, passou então a viver o conflito entre o militar e o técnico, que persegue os integrantes da Arma do Trabalho, junto com o gosto pela cultura e o desejo de participar ativamente na solução dos problemas maiores do País.

Paradoxalmente, o apelo militar iria conduzi-lo ao desenvolvimento pleno da aptidão técnica que lhe marcou a vida. Foi o impulso militar que o conduziu a participar da revolta de 5 de julho de 1922. E o conseqüente exílio na Europa viria motivá-lo a formar-se em Metalurgia e a atender à convocação de Getúlio Vargas para implementar a siderúrgica de Volta Redonda, o grande divisor de águas do progresso nacional, de que foi idealizador, construtor, primeiro diretor-técnico e, por fim, presidente.

A ela seu nome se ligaria, definitiva e merecidamente e, a partir dela, passaria a ser reconhecido como símbolo de competência técnica e administrativa, de honradez e de probidade, e a ser disputado pela administração pública e pela iniciativa

privada.

Na primeira, além dos cargos exercidos na Companhia Siderúrgica Nacional, foi o remodelador ou, melhor dizendo, resuscitador da ACESITA (Companhia de Aços Especiais Itabira), superintendente geral da COSIPA (Companhia Siderúrgica Paulista), na fase de implantação, Ministro da Viação e Obras Públicas, no governo Dutra, e Ministro da Indústria e do Comércio, no governo Costa e Silva.

Na iniciativa privada, foi presidente, por suas vezes, da Mercedes Benz do Brasil, presidente da CNI (Confederação Nacional da Indústria), diretor do Centro de Indústria de São Paulo, presidente do Sindicato da Indústria do Ferro, conselheiro do Instituto Brasileiro de Siderurgia da Mesbla S.A., e da Associação Brasileira de Metais, e presidente do Conselho Consultivo da Mannesmann.

Em 1947, candidatou-se ao governo do Estado do Rio de Janeiro, por uma coligação que reunia o PSD, a UDN e o PTB. Extremos e centro do panorama político da época se uniam, para apoiá-lo sem restrições. E, em um universo de 280 mil eleitores, foi eleito com 250 mil votos.

Embora consagrado no universo político, não aceitou, entretanto, o lançamento de sua candidatura ao Senado Federal,

cumprido seu mandato. Preferia voltar à caserna onde, segundo declaração própria, vivera os anos mais felizes de sua vida.

Edmundo de Macedo Soares e Silva foi ainda professor da Escola Técnica do Exército (atual Instituto Militar de Engenharia – IME), função que não escondia ser a de sua preferência, da Pontifícia Universidade Católica (PUC), do Rio de Janeiro e da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Recebeu o título de doutor *honoris causa* da Escola de Minas de Ouro Preto, então Universidade do Brasil, e da antiga Escola de Engenharia de São Paulo. Escreveu mais de uma centena de trabalhos sobre economia, indústria e metalurgia, e proferiu dezenas de conferências na Escola Superior de Guerra, a cujos quadros pertencia.

Sócio benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro da Academia de Ciências e sócio efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, que presidiu, até a sua morte, foi neste último que manteve com ele um convívio semanal de algumas horas, em suas sessões de rotina, o bastante, porém, para conquistar minha estima discreta e silenciosa, que muito tinha de veneração.

Da minha cadeira, no auditório do Instituto, custava acreditar estar diante de um persona-

gem de tantas dimensões, por sua figura humana singular, completamente descontaminada de tantos títulos que conquistara.

Seu sepultamento iria confirmar essa impressão.

Estavam presentes figuras ilustres do mundo empresarial. Coroas de flores congestionavam a entrada da capela mortuária do Cemitério São Francisco Xavier, onde seu corpo foi velado. Mas o que tocava fundo era o olhar de carinho com que o fitavam os entes queridos à sua volta, entrecortado de discretos soluços e silenciosas lágrimas. Mais que isso, o sentimento demonstrado por um dos seus netos, quase rapazinho, seu pranto convulsivo segurando a alça do caixão e sua procura do amparo da família, logo que o corpo baixou à sepultura.

Foi sepultado em cova comum. Não em mausoléu, como seria justo. Nenhum discurso. Só o toque de silêncio, com seus acordes de saudade.

Edmundo de Macedo Soares e Silva viveu intensa e produtivamente, muito acima do normal, os diferentes ciclos da vida republicana do País.

Para alguns, aos oitenta e oito anos, morreu cedo demais, pelo muito que poderia dar, ainda, ao Brasil, senão com o vigor da mocidade tão ativa que tivera, com a sabedoria de sua êx-

periência e o exemplo de sua honradez.

Para outros, podia ter sido poupado dos fatos que têm marcado, nos últimos tempos, a Siderúrgica que ele criou; de ver, na praça principal de Volta Redonda, seu nome trocado pelo de um personagem de expressão limitada a paixões momentâneas, e seu busto de bronze substituído por um monumento inspirado em fatos emocionais episódicos, com conteúdo suspeito de subversão.

Fico com os primeiros. No corpo de uma reportagem sobre a Companhia Siderúrgica Nacional, publicada no *Jornal do Brasil*, de 6 de junho de 1989, perguntado sobre suas reações, em função do que foi feito com a praça de Volta Redonda, ele respondeu:

— Eu pouco me importo. O principal é o registro da História.

E a História, sem nenhum esforço, far-lhe-á justiça.



VIRGILIO DA VEIGA — Coronel da Reserva do Exército (Arma de Engenharia), desde 1984. Pertence à Turma de Aspirantes General José Pessoa (1949) Diplomado pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (1966), pela United States Army Command and General Staff College (Fort Leavenworth, 1976) e pela Escola Superior de Guerra (Turma Marechal Cordeiro de Farias, 1981). Comandou o 3º Batalhão de Engenharia de

Combate (1970-1972), foi Chefe do Estado-Maior do 2º Grupamento de Engenharia de Construção, Chefe-de-Gabinete do Departamento de Ensino e Pesquisa e Instrutor da ECEME (1967-1969, 1972-1974 e 1976-1979). É sócio efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e redator-executivo de *A Defesa Nacional*.